

O PODER E A PALAVRA NAS FÁBULAS: A METÁFORA DA CONDIÇÃO HUMANAS¹

*Rosane Aparecida da Silva*²

Resumo: Desde tempos longínquos, a relação homem-animal tem sido tema dileto nas sociedades humanas, quer sob o ponto de visto religioso, filosófico ou social. O animal em diversas fases da história humana foi considerado seu igual, irmão; em outras representou o elo entre o humano e o sobre-humano. A necessidade do homem de se fundir se justifica na sua luta contra a solidão, na compreensão de um universo repleto de mistérios para ambos.

Palavras-chave: Fábula. Estórias de animais. Esopo. La Fontaine.

Abstract: Since ancient times the relation man-animal was a favorite subject in the human beings' societies: either in the religious area or in philosophical and social studies. For a time along the history, the animal was considered like a brother; in other times as a link between the human being and the supernatural. In his loneliness, the man needs to understand the universe and the mysteries around him.

Key-words: Fable. Animals' stories. Aesop. La Fontaine.

¹Monografia apresentada como cumprimento parcial do curso *Fábula, teoria, gênese – inventário das propostas classificatórias. A Fábula brasileira: proposta de uma tipologia e descrição de suas peculiaridades*, sob a orientação da Prof^a Dr^a Lúcia Pimentel Góes, 2º semestre de 2005.

²Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo

1- Introdução

*A literatura é como o sorriso da sociedade
Quando ela é feliz, a sociedade, o espírito
se lhe compraz nas artes e, na arte literária,
com ficção e com poesia, as mais graciosas
expressões da imaginação*

Afrânio Peixoto

Se a “Literatura é o sorriso da sociedade”, a fábula deve ter sido a primeira nos lábios dos homens. Muito antiga, está presente em todas as culturas, antes mesmo da descoberta da escrita, pois, conforme Ecléa Bosi (1994), “A narração enquanto arte não está apenas encerrada nos livros, seu veio épico é oral”. Seu caráter universal se deve à ligação estreita que mantém com a sabedoria popular. Esse comportamento peculiar do homem em querer buscar explicações para as coisas que acontecem na vida tirando ensinamentos úteis e lições práticas, conferem à fábula sua permanência e a contínua difusão entre os povos.

Nossa proposta é fazer estudo comparativo entre três textos de períodos diferentes, ratificando a permanência da fábula durante séculos, confirmando seu caráter social.

2- O homem e o animal – uma relação estranha e fraterna

Desde os tempos mais antigos, a relação entre homens e animais tem sido estranha: às vezes fraterna, outras não; ora terna ora rude; ora de amor ora de indiferença; às vezes de comunhão e às vezes de repulsa.

Manzano (1997, p. 127) defende que as histórias com personagens animais se caracterizam “por uma cierta humanización de los mismos. Humanización en los comportamientos, en la función relacional, en la superación de complejos, en la própria presentación externa: modo de vestir, de jugar, de trabajar, de aprender, de dormir”.

Em seus estudos e experiências clínicas, Freud considerou o animismo como um sistema de pensamento que levou o homem a criar a primeira teoria completa do universo, cuja criação não surgiu por mera curiosidade especulativa, mas pela necessidade prática de controlar o mundo que o rodeava. Para Freud, o animismo preparou o caminho para a criação de uma religião. Nesse período, entre o animismo e a religião houve manifestação tribal baseada no totemismo, cuja necessidade mais latente da sociedade primitiva era, por meio do totem, identificar os membros de um clã e determinar certas normas de costumes

e comportamentos que regulassem as relações entre esses membros. Freud (1994, p. 146) escreveu:

[...] Em primeiro lugar, o totem original e o que continua sendo o mais comum é o animal; em segundo, os animais totêmicos mais antigos são idênticos aos animais com alma. Os animais com alma (tais como os pássaros, as serpentes, os lagartos e os camundongos) são receptáculos apropriados de almas que abandonaram o corpo, por causa de seus movimentos rápidos, [...]. Assim, de acordo com Wundt, o totemismo está diretamente ligado à crença em espíritos, ou seja, ao animismo.

Nos estudos de Jung, a relação homem-animal foi fundamentada em estudos antropológicos. Ele cita o etnólogo francês Lucien Lévy-Bruhl que formulou uma teoria chamando-a de “participação mística,” baseada na crença de povos primitivos. Esses povos supunham que, além da sua própria alma, cada homem possuía uma “alma do mato”, que podia ser encarnada por um animal ou um vegetal. Nas palavras de Jung (1997 , p. 24):

Se a alma do mato é a de um animal, o animal passa a ser considerado uma espécie de irmão do homem. Supõe-se, por exemplo, que um homem tenha como irmão um crocodilo, possa nadar a salvo num rio infestado por estes animais. Se a alma do mato for uma árvore, presume-se que a árvore tenha uma espécie de autoridade paterna sobre aquele determinado indivíduo. Em ambos os casos, qualquer mal causado à alma do mato é considerado uma ofensa ao homem.

Já não mais objeto de culto, o homem moderno se afastou da Natureza e das lições que esta lhe proporciona. Ele acredita que se libertou dos mistérios, antes indecifráveis. Tornou-se senhor das explicações, pois para ele a ciência tudo responde e, se não o faz, ele ignora. Desse modo, “perdeu a capacidade de reagir a idéias numinosas”. Mas continuou a observar os animais e encontrou neles atitudes, qualidades e defeitos semelhantes aos comportamentos dos humanos. Rastreando esses comportamentos estabeleceu analogia tentando explicar e entender um lado sombrio do ser. Assim, o animal posicionou-se não mais como manifestação divina, mas como um reflexo turvo da alma humana, parte obscura e temida.

Para a criança, o animal é seu irmão, não há hierarquia entre eles; nas horas inconsoláveis, ele é seu amigo e confidente, mediante a severidade ou a indiferença do adulto. E para aquela que não tem a dádiva de um irmão com pêlo e de quatro patas, temos os contos, as fábulas e um universo escrito e recriado com animais, cujas histórias resgatam a cumplicidade e o companheirismo de dois mundos em que um tem muito a ver com o outro: a liberdade de ser o que é e de fazer o que quer.

3 - A origem e o conceito de fábula

Fábula vem do latim. Conforme o Dicionário Escolar Latino-Português (FARIA, 1967, p. 385): “fábŭla, -ae, subst. 1) Conversação, conversa (Tac.An. 6,11) [...] 4) Narração fictícia ou mentirosa, fábula, historieta (Cic. Leg. 1,40) ”.

Quando iniciamos nossos estudos sobre fábula, um dos momentos (bastante curioso!) foi a conversa informal com um jovem de 12 anos, estudante da 6ª série, que definiu fábula da seguinte forma: “é um texto curto com final fechado em uma moral”. Esse depoimento é, apenas, uma ilustração de como a fábula entra no ambiente escolar – com intenções didáticas e moralistas, a serviço de uma educação que, na prática, não valoriza nem trabalha a formação do leitor crítico e reflexivo.

Esse caráter, apenas didático-moralista atribuído à fabula, se arrasta até os dias atuais. Um tanto simplista, esse conceito de fábula incomoda, e, puxando o fio que nos leva à origem do gênero, propomos estudar uma outra função desse gênero (PAWATE, *apud* VARGAS, 1990, p. 12-13): aquela comprometida com a crítica social, a satírica, a irônica, a denunciadora, porque a fábula abre um universo que não só verte à literatura coletiva e anônima, mas que conduz, também, aos estágios arcaicos da Humanidade, que tiveram sua gênese na oralidade, quando nossos ancestrais se reuniam à noite perto do fogo para narrar histórias. Jesualdo Sosa (1978, p. 144 -145), a respeito da origem, explica:

Quanto à origem da fábula, ela remonta, como a de toda expressão que tende a transmitir um conhecimento, ou uma lição, há tempos muito antigos e provém da necessidade natural que o homem sente de expressar seus pensamentos por meio de imagens, emblemas, ou símbolos. Diz que a fábula deve ser considerada como uma das formas simbólicas aparecidas naturalmente, conseqüência do desenvolvimento histórico da idéia da arte, sendo o Oriente o seu berço, como o foi do conto e do mito. [...] Em resumo, podemos dizer que esta forma expressiva nasce com os primeiros tempos do homem; que, por necessidade de crítica, tem as características referidas [...].

Mas a que campo do conhecimento, além da Literatura, somos levados pela fábula? Se a fábula é um gênero universal, com estrutura específica e fundamentada na sabedoria comum, com certeza, na sua difusão, houve interferências de determinada cultura. Ao pousar em diferentes solos e mesmo conservando a universalidade do gênero, percorremos uma área de estudo – o folclore – que vai permitir observar um caráter regionalista, coletar dados dos costumes, valores e tradições de um povo, e “[...] a literatura encontrará o veio cristalino de onde jorra aquela água que estanca sede da genialidade, na ânsia de produzir

imortais obras-de-arte que dão glória não apenas a um indivíduo, mas a um povo inteiro” (Cascardo, 2001, p. 7)³.

4 - Calila e Dimna – fabulário indiano-persa-sírio-árabe-hebraico-latino-castelhano

A fábula, enquanto discurso que se realiza por meio de narrativa breve, com determinada intenção dentro de um sistema de valores fechados, que expressa sabedoria prática em virtude da necessidade humana de encontrar forma para transmitir conhecimento ou criticar de forma impessoal, sem deixar claro a quem se refere, levou muitos estudiosos a considerar sua origem na escravidão. Essa suposição surgiu porque Esopo, fabulista grego, como escravo viveu sob o poder espezinhador, cuja força estava em plantar o medo. Assim, tomou seu talento para vingar-se de sua condição colocando “brasas” na mente do povo.

Muitos estudiosos consideram *Calila e Dimna* como uma das mais antigas narrativas da literatura popular (surgiu por volta do século V a.C.). Segundo Mansour Challita (AL-MUKAFA, [s.d.], p. XXIX), os orientalistas descobriram na Índia os originais de *Calila e Dimna*, essencialmente formados por três livros:

Pantchatantra: reúne cinco histórias, escritas em sânscrito (*tantra* significa Tesouro de Bons Conselhos);

O Mahabarata: três fábulas;

Vischno Sarna: uma história.

A primeira tradução de *Calila e Dimna* para o árabe foi por volta do ano 750, feita por Ibn Al-Mukafa e serviu de fonte para as versões latinas e demais línguas: a primeira tradução latina foi feita por João de Cápua (século VIII); a grega em 1080; a hebraica em 1233; a espanhola no século XII; a francesa em 1556; a inglesa em 1570.

Challita escreve que, mesmo depois da descoberta dos originais, Ibn Al-Mukafa continuou a ser considerado autor do livro, pois “imprimiu-lhe definitivamente o cunho de sua personalidade e de seu estilo”, ainda que, na introdução do livro, o próprio Al-Mukafa tenha declarado que o original era indiano e sua tradução foi do persa.

O encantamento em *Calila e Dimna*, além da forma literária (fábulas cuja estrutura textual era organizada na forma de “encaixes” – uma fábula funciona como contexto intertextual em relação à outra fábula), ocorre na exposição sutil dos fatos e motivos entre a vida política e a vida em geral. As fábulas são independentes entre si e os temas tratam

³ Trecho da introdução escrita pelo Professor Osmar Barbosa.

sobre a conduta na guerra, na paz e na vida cotidiana. Esse caráter crítico, denunciador e conselheiro em *Calila e Dimna* nos remete a uma reflexão menos simplista sobre a função social da fábula. Nos textos, além da “ética na arte de governar”, há o conjunto de valores morais perenes do “como se portar” em um mundo de competição no qual vigora a lei do mais astuto. Ao mesmo tempo em que os textos apresentam um mundo cheio de vícios, de pessoas gananciosas, sedentas de poder e riqueza, os desfechos sempre apontam para o caminho certo nas situações de conflito e litígio, com leve otimismo e forte realismo, para que o leitor, sem ilusões, tenha esperança na conquista do equilíbrio, na vitória da justiça.

Muitos séculos depois, as fábulas em *Calila e Dimna* foram recontadas por La Fontaine e não perderam a legitimidade ideológica, pois o fabulista francês denunciou as injustiças dos governos autoritários, as afetações de um rei vaidoso e ridículo, que ignorava as necessidades de seu povo; a corrupção dos seus ministros e o uso da bajulação para atender interesses mesquinhos de uma Corte na qual vigorava o “salve-se quem puder”. La Fontaine recorreu às fábulas, tanto da tradição ocidental (esópicas) quanto da tradição oriental, para dar-lhes tratamento artístico, inserindo-as nas Belas Letras. Ele colocou no microscópio os vícios e as injustiças sociais da sociedade de sua época, “para que fossem vistos por quem tivesse olhos”. Pinheiro Chagas (LA FONTAINE, [s.d.], p. VII-IX), em seu estudo crítico para a apresentação de *Fábulas* escreveu:

Naturalista ou não, La Fontaine conhece admiravelmente os animais, como conhece uma sociedade um viajante finamente observador, que se pode uma ou outra vez enganar no estudo de alguns costumes, mas que perfeitamente a compreende nos seus traços capitais. [...] Assim vemos nesta imensa e risonha comédia de La Fontaine, uma comédia que povoa com os seus milhares de atores o monte e a planície, os bosques e os jardins, a humanidade disfarçada, como num vasto carnaval, com raposas e lobos, cegonhas e tartarugas desdenhosamente o bonhomme La Fontaine, que não se ocupa senão dos seus animais [...] e não reparam os frívolos que o julgam frívolo que é a eterna comédia da humanidade que se está espelhando aos seus olhos nesse mundo inferior, cuja inteligência ele defende energicamente contra Descartes, nessa sociedade de colossos e de infinitamente pequenos, onde como acontece entre os homens, são a força e a manha que triunfam sobre a razão e o direito.

5- Definindo o corpus

Selecionamos duas fábulas, uma de Esopo e outra de La Fontaine, para relacioná-las com um conto recolhido por Boff, narrado pelo educador James Aggrey, de Gana, país da África Ocidental, durante uma reunião de lideranças populares, em 1925, na qual discutiam os caminhos para conquistar a independência do país, que estava sob domínio colonial

inglês desde 1874⁴. Aggrey acompanhava e ouvia as opiniões: uns queriam a libertação pelas armas, outros se conformavam com a condição de colônia, iludidos pela retórica dos ingleses, argumentando que a presença deles em Gana significava progresso e inserção do país no mundo moderno. Em um dado momento, Aggrey pediu a palavra e narrou a história *A águia e a galinha* (BOFF, 1997, p. 30-34).

5.1 Duas fábulas e um conto

O objetivo é comparar a intencionalidade dos textos pelo discurso. Nos três textos, os narradores são extradiegéticos (o narrador é exterior à diegese que narra, colocando-se em posição de ulterioridade). Em todos há a presença dos animais como sujeitos actantes – águia, burro, corvo, e galinha. A águia aparece em dois textos: na fábula de Esopo e no conto africano. Também, nesses dois textos, há personagens humanos: na fábula de Esopo, o pastor e seus filhos; no conto africano, o camponês e o naturalista. Os humanos não possuem nomes, apenas representam sua função e estado social: o camponês, o naturalista, o pastor. No texto de La Fontaine, há “um alguém” que se dirige ao burro, mas não está claro se é humano ou animal.

Quanto à caracterização dos animais, somente o burro, em La Fontaine, assume comportamento humano; ainda assim não tem voz. Sabe-se que se porta como humano, porque “supunha-se adorado” e porque “alguém” lhe dirige a palavra na certeza de que será compreendido. A águia, na fábula de Esopo, assume sua posição no reino animal como a rainha entre as aves, não porque fosse entronada pelas palavras, mas porque o narrador a contrapõe com o corvo, quando o chama de desengonçado ao querer imitar a águia, na caçada, porque, além de se enroscar na presa, é capturado pelo pastor.

Nos textos de Esopo e La Fontaine, os desfechos estão encerrados em morais. Em Esopo, ela está explícita: “Moral da estória: Põe teu esforço e dedicação no que realmente estás preparado, não no que não te corresponde”. Na fábula de La Fontaine, a moral está implícita nos dois últimos versos: “De juiz, que não sabe ou não estuda, / A toga se saúda”. No conto, o desfecho não se explica. Pode-se concluir que a águia conseguiu atingir sua dimensão como ave de rapina, mas o narrador suspende com reticências o último período e deixa ao leitor a tarefa de refletir sobre a mensagem do conto: “Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento...”.

⁴ Antes de ficar sob o domínio dos ingleses, Gana foi colônia de Portugal (do séc. XVI até o séc. XIX). Devido à abundância de ouro em suas terras, foi chamada de Costa do Ouro. Muitos nativos de Gana foram capturados e trazidos como escravos para a Bahia, (cerca de 350 mil pessoas). Em 1874, a Inglaterra ocupou a costa sob o pretexto de combater a exportação de escravos, para em 1895 invadir todo o território.

O tempo nos três textos é cronológico, mas será no conto que ele terá uma função marcante e decisiva: cinco anos para condicionar a águia a se portar como galinha e três dias para que a ave encontrasse sua verdadeira identidade e alcançasse as alturas, readquirindo sua dimensão-águia. Já nas fábulas de La Fontaine e de Esopo, o tempo tem a duração de um instante.

O espaço, nos três textos, é natural. No início, é apenas ponto de apoio para a narrativa contudo, no conto vai adquirindo a função de construir a intencionalidade do autor – a de hierarquizar os espaços: chão para as galinhas, céu para as águias. Essa análise pode ser ratificada no trecho em que a águia, na primeira vez colocada perto do chão, é instigada a voar, cujo desafio ela não superou. No terceiro dia, o camponês e o naturalista levaram a águia para o alto de uma montanha. Nesse momento, o espaço avança da função de mera moldura para atuar no enredo da narrativa como “isca”, pois ele despertou na ave o desejo de voar alto.

Quanto ao gênero, podemos dizer que nos três textos o diálogo é predominante e funcional (a narrativa avança por meio dele).

Texto	Gênero narrativo	Atitude	Forma
<i>A águia, o corvo e o pastor</i> (Esopo)	Fábula	Ficção	Prosa
<i>O burro e as relíquias</i> (La Fontaine)	Fábula	Ficção	Poema
<i>A águia e a galinha</i> (Boff)	Conto	Ficção	Prosa

Na fábula de Esopo a função social está explícita e encerrada. Há uma pitada de ironia na fala do pastor: “– Para mim, apenas um corvo, mas ele acha que é uma águia”, seguida de uma lição de conformismo que, se comparada ao conto de Boff, a águia morreria na condição de galinha. Por outro lado, a advertência caiu bem em situações particulares para determinados “corvos” que se atiram a tarefas sem preparo. O corvo poderia capturar o carneiro, desde que treinasse e observasse a águia antes de agir. E poderia continuar, orgulhosamente, sendo corvo... Ainda na fábula de Esopo, agora comparada com a de La Fontaine, identificamos forte analogia que pode ser resumida na seguinte frase: “querer ser o que não é”. Se analisarmos sob o ponto de vista das oportunidades para ascensão social, na de La Fontaine poderíamos concluir que permanece o conformismo aliado ao “sistema de castas imóvel”. Mas podemos ver o outro lado do texto em que La Fontaine denunciava as figuras políticas da corte de Luís XIV. Assim, é clara a intenção de crítica social.

Comparando a fábula de La Fontaine com o conto *A águia e a galinha*, observamos distância ainda maior na intencionalidade do autor/narrador em relação à fábula de Esopo. A crítica em La Fontaine é mais contundente e não há espaço para se criar uma alternativa

para o burro. A vaidade e a arrogância do animal impedem qualquer sugestão para elevá-lo. Fica o humor ao imaginarmos que o burro participava de uma festa religiosa!

No conto *A águia e a galinha* a intencionalidade do autor/narrador é filosófica. A mensagem do texto leva o leitor à reflexão sobre a existência e a potencialidade do ser humano.

Comparados os três textos, identificamos o ponto comum: a função crítica e denunciadora das artimanhas políticas. Os três textos foram criados, adaptados e narrados em tempos de opressão, injustiça e dominação.

Para finalizar este item, transcrevemos as palavras de Boff (1997, p. 34) sobre o educador de Gana depois de narrar a história. Ele voltou-se para os presentes e disse:

Irmãos e irmãs, meus compatriotas! Nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus! Mas houve pessoas que nos fizeram pensar como galinhas. E muitos de nós ainda acham que somos efetivamente galinhas. Mas nós somos águias. Por isso, companheiros e companheiras, abramos as asas e voemos. Voemos como as águias. Jamais nos contentemos com os grãos que nos jogarem aos pés para ciscar.

6 - Concluindo

Na literatura, encontramos vasto material sobre o animal e seu valor simbólico na história da Humanidade. Sobreviveram os bestiários, as fábulas e os contos. A literatura moderna, também, oferece muitas opções de obras com histórias de animais. Não encontramos nenhuma afirmação – definitiva – se o gosto da criança por esse tipo de leitura advém pela identificação com os personagens animais. Sobretudo sabemos que ao perceber o mundo dos bichos e trazê-lo para próximo da criança, de modo que ela possa compreender, essa aproximação atua como facilitador no processo de identificação e formação desse futuro indivíduo.

Hoje, em dia, é cada vez mais freqüente as crianças serem assistidas no seu desenvolvimento por escolas, avós ou babás: os pais trabalham, têm inúmeros compromissos, que muitas vezes os impedem de ter participação mais efetiva na vida dos seus filhos. Não cabe aqui enumerar os valores que a atual sociedade impõe, para que se questione a ausência dos pais. Cabe, porém, registrar as conseqüências que essa mesma sociedade assume quando imprime um comportamento que afeta na ordem direta o núcleo familiar como: a violência, as drogas, o sexo irresponsável.

As crianças conferem pensamento humano, sentimentos e linguagem aos animais como se estes fossem pessoas. Mas não seria justo atribuir o gosto infantil pelas fábulas ou

histórias de animais somente porque vivemos numa sociedade na qual os pais estão mais ausentes no convívio com os filhos. A função da fábula, desde que inserida adequadamente na formação da criança, abre espaços para mundos imaginários não encontrados no mundo real. Ela enriquece o universo infantil, pois as histórias, na voz dos animais, lidam com situações complexas.

Certamente, para a criança, o animal é uma ponte que a ajuda a transpor, simbolicamente, situações da vida familiar, especialmente a situação de aprendizagem que sempre a fascina, mas sem fôrmas e formas impostas pelo olhar do adulto.

7- Bibliografia

AL-MUKAFA, Ibn. **Calila e Dimna**. Rio de Janeiro: Associação Cultural Internacional Gibran, [s.d.].

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha uma metáfora da condição humana**. Petrópolis: Vozes, 1997.

BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASCUDO, Luís da Câmara. il. Poty. **Lendas brasileiras**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

COELHO, Jacinto do Prado. **Dicionário de literatura**. 3. ed. Porto, Figueirinhas:1983. v. 2.

COELHO, Nelly N. **Literatura infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

ESOPO. **Fábulas**. Disponível em:

<http://www.universodasfabulas.hpg.ig.com.br/esopo/frame_esopo.html>. Acesso em: 9 dez. 2005.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 4.ed. Rio de Janeiro: MEC, 1967.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

JUNG, Carl G. **O Homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MANZANO, Mercedes Gomes del. **El protagonista-niño en la literatura infantil del siglo XX**. Madrid: Narcea, 1987.

LA FONTAINE, Jean. **Fábulas de La Fontaine**. Rio de Janeiro: Garnier, [s.d.].

MENENDEZ Y PELAYO, Marcelino. **Orígenes de la novela**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, [s.d.].

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. São Paulo: Cultrix, 1978.

VARGAS, Maria Valéria Aderson de Mello. **Do Pañcatantra a la Fontaine**: tradição e permanência da fábula. 1990. 251 f. Tese (Doutorado em Filologia e Lingüística Românica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

8 - Anexos

A águia, o corvo e o pastor

(Esopo)

Lançando-se do ar, uma águia arrebatou um cordeirinho.

O corvo, vendo aquilo, tratou de imitá-la, e se jogou sobre um carneiro, mas de forma tão desengonçada que acabou por se enredar na lã e, debatendo-se em vão com suas asas, não conseguiu se soltar. O pastor, vendo aquilo, recolheu o corvo e, cortando as pontas de suas asas, o levou a seus filhos.

Perguntaram seus filhos sobre que ave era aquela, e ele lhes disse:

– Para mim, apenas um corvo, mas ele acha que é uma águia.

Moral da Estória: Põe teu esforço e dedicação no que realmente estás preparado, não no que não te corresponde.

O burro e as relíquias

(La Fontaine)

Um burro, de relíquias carregado,

Supunha-se adorado.

Hinos, incensos como seus tomava

E soberbo marchava.

Alguém que dera fé dessa tolice,
“Mestre burro (lhe disse),
Do espírito bani, por piedade,
Tão estulta vaidade.

Ao santo e não à vossa personagem
Dirige-se a homenagem;
Só das relíquias se dispensa à glória
Essa jaculatória.”

De juiz que não sabe ou não estuda,
A toga se saúda.
Tradutor Barão de Paranapiacaba

A águia e a galinha – uma metáfora da condição humana

(recontado por Leonardo Boff)

Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas. Comia milho e ração própria para galinhas. Embora a águia fosse o rei/rainha de todos os pássaros. Depois de cinco anos, este homem recebeu em casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

– Esse pássaro aí não é galinha. É uma águia.

– De fato – disse o camponês. É águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.

– Não – retrucou o naturalista. Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia. Este coração a fará um dia voar às alturas.

– Não, não – insistiu o camponês. Ela virou galinha e jamais voará como águia.

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergue-a bem alto e desafiando-a disse:

– Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!

A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas.

O camponês comentou:

– Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!

– Não – tornou a insistir o naturalista. Ela é uma águia. E uma águia será sempre uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

– Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!

Mas quando a águia viu lá embaixo as galinhas, ciscando o chão, pulou e foi para junto delas.

O camponês sorriu e voltou à carga:

– Eu lhe havia dito, ela virou galinha!

– Não – respondeu firmemente o naturalista. Ela é águia, possuirá sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe:

– Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe!

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e da vastidão do horizonte.

Nesse momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico kau-kau das águias e ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto, a voar cada vez para mais alto. Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento...